

**EM MEIO A EXPLORAÇÕES, SILENCIAMENTOS E TRANSGRESSÕES: o cotidiano privado e público das meninas pobres e/ou abandonadas de Feira de Santana entre 1892 e 1945.**

**Lívia Gozzer Costa<sup>1</sup>**

Resumo: Este texto tem por objetivo traçar o cotidiano privado e público das meninas pobres e/ou abandonadas da cidade de Feira de Santana no período que se estende de 1892 e 1945. A transição do século XIX para o XX imprimiu marcas profundas no que tange a situação econômica do Estado da Bahia atingindo, sobretudo, as camadas mais empobrecidas da sociedade. Nosso intuito aqui é descortinar a trajetória de pobreza das quais muitas meninas desde tenra idade já eram personagens, desvendando seu cotidiano de artimanhas, violência sexual, explorações, silenciamentos no âmbito domiciliar (privado) e público (na cidade). Não é demais lembrar que neste período figuravam as identidades sexuais compatíveis a cada um dos gêneros – masculino e feminino. Logo, ser menina e pobre na conjuntura aqui apresentada era, no mais das vezes, aceitar, reproduzir ou distorcer os comportamentos ditados pela cultura dominante.

Palavras-chaves: cotidiano; meninas; Feira de Santana.

\*\*\*

A estátua em bronze existente na Praça da Matriz desde 1892 já não ostenta o mesmo brilho de outrora. Ainda assim, nela identificamos a figura do Padre Ovídio Alves de São Boaventura e de uma pequena menina ao seu lado que representa uma legião de órfãs pobres e abandonadas, acolhidas e educadas pelo Asilo Nossa Senhora de Lourdes (ANSL) desde a sua fundação, em 1879. Padre Ovídio, como era conhecido em meio à sociedade feirense de seu tempo, muito fez em prol das meninas órfãs pobres e abandonadas desta cidade.

As iniciativas do pároco em consolidar um assistencialismo às órfãs desvalidas e desventuradas encontradas aos montes nas ruas, nas periferias e nas estradas que ligavam

Feira de Santana ao restante do Estado eram contemporâneas a dois fenômenos que pairavam sobre a Bahia na transição do século XIX para o XX: um, geológico, natural e incontornável, a seca; o outro, social, ideológico e urgente: o futuro de milhares de crianças pobres e/ou abandonadas protagonistas do cotidiano das ruas de cidades em vias de urbanização.

A seca, que assola as bandas de cá do nordeste a tempos imemoriáveis foi um dos fatores mais importantes para o aumento da miséria de famílias que há muito viviam em estado de pobreza latente. Em 1892 lia-se em um dos periódicos veiculados em Feira de Santana: *“as chuvas muito escassas até agora só dão logar a que se encham de terror os corações dos pobres lavradores, dos criadores e de todos que compreendem a medonha situação de um povo exaurido por secas consecutivas”*<sup>2</sup>. Como relatou a notícia, a estiagem das chuvas e o triste cenário das terras entrecortadas era um fenômeno natural bastante rotineiro, fator que possivelmente teria levado inúmeras famílias a abandonarem suas terras natais em direção a Salvador ou Feira de Santana.

O prolongamento da estiagem nos sertões norte e nordeste da Bahia, flagelando as respectivas populações, tem motivado o êxodo dos mais desherdados da fortuna, que mais a mais, se intensifica.

Levas e levaras de retirantes chegam diariamente á urbe feirense e passam ou nella estacionam refazendo forças para se irem em busca da orla litorânea [...] onde se lhes afiguram mais acessíveis o trabalho e o pão quotidiano.

Fogem todos à fome [...] A princípio eram grupos de trabalhadores agrícolas que atravessavam a cidade; agora são famílias exauridas em que o **número de creanças excede o de adultos** [...].<sup>3</sup>

Destacamos um trecho na notícia da qual concluímos que as famílias retirantes traziam consigo os seus filhos e filhas, até onde a sorte lhes permitiam, no intuito de salvá-los da fome e da penúria. Combalidas pela seca, estas famílias retiravam-se de suas roças ou vilas de origem no intuito de alcançarem oportunidades melhores de trabalho em cidades urbanizadas e ainda deparavam-se com cenários desoladores de crises econômicas intermitentes muito comuns na Bahia do século XIX, o que fatalmente agravava a situação

dos retirantes e daqueles que, como se fosse possível, tornavam-se ainda mais empobrecidos. Em 1896, a situação parecia, de fato, insustentável para as camadas populares desta cidade, chegando ao ponto de um determinado jornal defender

as queixas justificadas pelo povo, que resignadamente suporta os excessivos preços da habitação, da roupa, da locação, dos viveres, as vezes, da péssima qualidade, e como se tais desgraças não bastassem, vai ser lançado, a talho de foice, do 1º de dezembro em diante, o aumento do preço do pão, como mimo dos padeiros, offericido ao povo para as festas de Natal! <sup>4</sup>

Pensar em alcançar melhores condições de vida na Bahia da transição do século XIX para o XX era, praticamente, andar em círculos, visto que ao desejar sair de uma situação desconfortável, em nosso caso a seca, estas famílias então eram apresentadas a outros cenários de alarmante penúria. Se a vontade de retirar o necessário à sobrevivência do solo era tarefa naturalmente impossível mediante a seca, comprá-la nas prateleiras das vendinhas ou nas bancas das feiras era impraticável sob os aspectos econômicos. Neste sentido somos levados a concordar com FRAGA Fº quando este afirma que no contexto histórico aqui em debate,

as crises atingiam os mais pobres de diversas formas. A mais imediata era a carestia de gêneros de primeira necessidade. Em muitos momentos, o preço da farinha, produto básico da alimentação das camadas mais pobres, sofreu aumentos excessivos provocando fome e até morte <sup>5</sup>.

Diante deste cenário desolador podemos levantar algumas hipóteses, dentre as quais o fato de algumas famílias, retirantes e/ou empobrecidas, abrirem mão de seus filhos a fim de salvá-los da morte, abandonando-os ainda vivos nas portas das casas ou já falecidos, vítimas da fome ou doenças, em lugares de pouca movimentação na cidade. No primeiro caso, feliz fora o menino que *"às 7 horas da noite de quarta-feira ultima, na residencia do sr. Possidonio Azevedo, á Rua Cons. Franco, foi encontrado, atraz da porta de entrada [...]A família do sr. Possidonio está criando o engeitadinho"* <sup>6</sup>. A mesma sorte

não teve outro recém-nascido que “*às primeiras horas da manhã de 7 corrente foi encontrado, no campo General Camara, junto ao Cruzeiro que defronta o Hotel Brasil, [...] morto [...]*”<sup>7</sup>. Desconhecemos, neste segundo caso, se a criança fora abandonada viva ou morta.

Aquelas crianças que não vivenciavam a modalidade de abandono selvagem<sup>8</sup> deixadas aos perigos das ruas, dos animais e dos fenômenos naturais, recaíam em outra esfera, mais "civilizada", que consistia em deixar seus filhos (as) sob os cuidados de instituições assistencialistas ou nas portas das casas de pessoas abastadas da cidade. Como vimos logo no início deste texto, as obras assistencialistas do Padre Ovídio foram estabelecidas em uma conjuntura econômica muito desfavorável às crianças pobres. Os registros do ANSL revelam que inúmeras foram as famílias que recorriam aos seus portões diariamente em busca de um leito para suas filhas, todas estas em estado de penúria. No entanto, a limitada estrutura física deste estabelecimento só comportava o número máximo de 25 órfãs<sup>9</sup> obrigando as famílias que não conseguiam vaga nesta instituição a rumarem para Salvador, em uma tentativa desesperada de conseguir acolhimento para as meninas ou, o que pareceu ser bastante comum, entregá-las como empregadas domésticas.

Neste sentido, acreditamos ser pouco conveniente traçar o cotidiano - aqui entendido enquanto uma ação de reapropriação astuta, inventiva e plural dos códigos impostos por determinada ordem social - das meninas pobres e/ou abandonadas de Feira de Santana sem o respaldo do gênero enquanto aporte teórico-metodológico, visto que há tempos imemoriáveis as sociedades distinguem os homens das mulheres e a cada um destes atribuem identidades distintas, frutos das construções socio-históricas. Logo, entendemos o gênero enquanto um constituidor social de identidades de homens e mulheres que impõe, no âmbito do cotidiano, divisões sexuais para atributos sócio-culturais (classe e etnia) na formação dos indivíduos<sup>10</sup>. Em outras palavras, possuir elementos sexuais que indicam ser o indivíduo biologicamente homem ou mulher, é ter a certeza de que, desde tenra idade, uma corrente ideológica do “ser masculino” e “ser feminino” atravessará o corpo destes sujeitos, impondo-lhes papéis e comportamentos compatíveis com sua “natureza biológica”.

Historicamente,

as meninas trazem a marca de ‘ser mulher’, internalizam desde cedo que o público é o masculino e que embora possam vir a participar dele, o espaço doméstico continua sob sua responsabilidade. A solicitação da maternidade, mais cedo ou mais tarde imprime-se nas suas vidas. As transformações do corpo de menina à mulher define o papel sexual que deve exercer. A sensualidade, o desejo e o prazer, são componentes requeridos à sua identidade feminina [...] <sup>11</sup>.

Os meninos, por sua vez, herdaram como atributos identitários, dentre outros, a força, a dominação, a responsabilidade e independência – elementos que por si só já atestam um abismo de desigualdades que regulam o cotidiano de homens e mulheres. Muito embora o quadro histórico-cultural acima descrito não deva ser visto como uma moldura, aprisionando os sujeitos a obedecer cegamente os papéis e comportamentos adequados ao seu gênero, veremos que em muitos casos as práticas cotidianas das meninas pobres e/ou abandonadas de Feira de Santana gravitaram nesta perspectiva de reprodução da “*imagem ideal do feminino*” <sup>12</sup> no intuito de salvaguardar a vida destas menores.

As catarinas, expressão de Hildegardes Vianna<sup>13</sup> para denominar as meninas pobres que desempenhavam funções múltiplas em casas de famílias de certa relevância social, eram bastante comuns na Feira de Santana da conjuntura aqui apresentada. As famílias empobrecidas desde muito cedo ensinavam suas filhas a exercerem atividades compatíveis com o seu gênero, a saber, cozinhar, cuidar das crianças menores, costurar, bordar, lavar, etc. a fim de garantir um auxílio extra no espaço doméstico e já pensando, evidentemente, no futuro dessas meninas – uma vez que seria muito mais fácil casar meninas encaixadas nestes tipos ideais.

O fato da Bahia e, em particular, Feira de Santana, ter encarado sucessivas crises econômicas ao longo dos séculos XIX e XX, contribuiu certamente para que a trajetória de vida destes sujeitos se alterasse. Diante a impossibilidade de sustentar muitas bocas com poucos recursos, muitas famílias entregaram suas filhas àquilo que aqui apelidamos de “adoção informal”. Sem dúvidas, as meninas pobres levavam bastante

vantagem em relação aos meninos, uma vez que o seus trabalhos manuais eram “*muito apreciados pelas famílias de classe média baixa que, normalmente, não tinham dinheiro para pagar o salário de uma empregada*”.<sup>14</sup> Foi o caso da menina Maria Amélia, órfã de 12 anos, “*que desde tenra idade, acossada pelas agruras da secca, se retirara da terra natal para esta cidade, sendo acolhida pela família do ilustre cidadão Feitosa*”<sup>15</sup> e da menina “*Maria Elentéria, parda, de 9 annos de idade, empregada [...]*”<sup>16</sup>.

Se por um lado ser catarina era a garantia de um lugar para morar, em detrimento das ruas, praças e becos da cidade, e de alimentação assegurada em períodos de crise econômica generalizada, por outro lado a exploração dos serviços destas menores era latente, tendo estas pequenas criaturas um cotidiano marcado por acidentes, violência sexual, apedrejamentos e até a morte. RODRIGUES<sup>17</sup> apontou uma realidade semelhante para a Salvador das primeiras décadas do século XX, quando órfãs que trabalhavam em casas de famílias adotivas eram vítimas constantes de opressões e repressões, predicados da escravidão recém-abolida. A pequena Maria Amélia, acima aludida, fora uma das vítimas desta exploração: em 13 de outubro de 1908 procurava, por volta das 7 horas da noite uma agulha, possivelmente para desempenhar atividades de costura ou bordado a mando de seus patrões, quando o candeeiro de querosene que a menor portava incendiou as suas vestes, envolvendo-a em fogo descontrolado, resultando em sua morte.<sup>18</sup>

Lendo nas entrelinhas desta notícia é possível descortinar o cotidiano de sacrifícios enfrentados diariamente por estas meninas. Não bastassem os trabalhos diurnos, conduzidos com o auxílio da luz natural, a pequena Maria Amélia adentrava a noite trabalhando. A Feira de Santana do alvorecer do século XX não dispunha do fornecimento de serviços elétricos, restando à nossa personagem lançar mão do candeeiro para dar continuidade aos serviços domésticos aos quais estava sujeita desde o amanhecer até o momento de deitar-se. Seu triste fim foi marcado por um deslize, motivado possivelmente pelo cansaço ou pela pouca habilidade em manusear o instrumento causador do incidente.

Talvez a morte não seja a pior das violências às quais estavam sujeitas muitas destas meninas. O ambiente doméstico mostrava-se tão perigoso quanto a vivência nas ruas da cidade de Feira de Santana, principalmente no que tange a prática da violência sexual.

Patrões e outros empregados das casas costumavam abusar sexualmente das catarinas que, impossibilitadas de suplicar por socorro, temendo sua condição de menina abandonada, órfã e pobre, além das ruas e a fome, silenciaram-se diante tamanha agressão ao corpo. Este fenômeno ocorreu com a pequena Maria Elentéria, que contava com apenas 9 anos de idade quando foi seduzida por João Pretinho, prestador de serviços temporários na mesma casa, para um matagal próximo à residência e ali mesmo violentou a pequena Maria, deixando-a contaminada por doenças venéreas.<sup>19</sup>

Por mais que as famílias empobrecidas desejassem para suas filhas o “ideal feminino”, sozinhas as catarinas dificilmente conseguiriam manter o domínio sobre seus corpos no silêncio dos lares onde trabalhavam e moravam. Viviam no mais das vezes perseguidas, tendo por sombra outros empregados ou mesmo os patrões como violentadores. Distintamente das mulheres e meninas abastadas, “*as quais deveriam manter seus corpos no abrigo do lar, e cuja sensualidade só deveria ser exercida no interior de casamentos legítimos*”<sup>20</sup>, as catarinas vivenciavam as práticas sexuais, como o estupro, o abuso sexual e a repressão quase que cotidianamente, desde muito jovens – como vimos, a nossa personagem contava apenas com 9 anos. Desconhecemos o autor da denúncia: talvez tenha vindo da própria vítima, de testemunhas ou mesmo dos seus patrões. O fato de esta ter sido a única notícia do gênero publicada em todo o período que compreende este trabalho, não nos autoriza a esquecer das incontáveis Marias Elentérias que, intimidadas por seus algozes, viveram silenciadas na dor e no medo.

Não bastasse o cotidiano doméstico marcado pela exploração, por acidentes e pelo abuso sexual, algumas meninas catarinas ainda enfrentavam a violência nas ruas da cidade. Foi o caso de uma menina que, para cumprir mandados dos seus patrões, dirigiu-se à Praça do Comércio e teve a infelicidade de cruzar com um grupo de menores órfãos, pobres e/ou abandonados que, sem titubear, apedrejaram-na pelo fato da mesma não possuir “*attrativos physicos*”<sup>21</sup>.

É perceptível o interesse das famílias que possuíam filhas, mesmo diante condições econômicas bastante adversas, em garantir um destino seguro para elas, seja em casas de outras famílias, seja em asilos. A sociedade, num aspecto geral, sempre criou

muitas expectativas em torno da menina. Futura professora, mãe, mulher de família, dona de casa, protetora dos maridos e dos filhos, o gênero feminino sempre coexistiu com um aparelhamento ideológico e cultural que buscava atrela-la, desde tenra idade, à imagem mariana, virgem e passiva. Tal produto cultural, o comportamento feminino, foi ofertado aos consumidores, as famílias, que se apropriaram deste independente da classe e etnia à qual pertenciam. Constatamos este fenômeno através da incessante verbalização da imprensa local sobre a rotina ideal de uma menina (seja no âmbito doméstico, costurando ou indo às compras; seja no âmbito institucionalizado de um asilo, tocando piano, recitando poesias, aprendendo bordado, etc.).

No entanto, como havíamos destacado anteriormente, apesar de existir uma *“imagem ideal do feminino”*, produto imposto estrategicamente pelos representantes do poder, seria ingenuidade nossa acreditar que o comportamento cotidiano das meninas órfãs, pobres e/ou abandonadas permanecesse sempre emoldurado e engessado pela aparelhagem ideológica da dominação masculina<sup>22</sup>. Neste sentido fomos levados a refletir a partir de CERTEAU<sup>23</sup> quando este interroga a suposta passividade e disciplina à qual estavam entregues os usuários da cidade – em nosso caso as meninas pobres e/abandonadas, catarinas e órfãs. Estariam mesmo as nossas personagens consumindo cegamente os produtos impostos estrategicamente pelos grupos dominantes locais? Trocando em miúdos, as famílias empobrecidas, conjuntamente com suas filhas, estariam se apropriando da *“imagem ideal do feminino”* enquanto produto legítimo ou, por outro lado, estariam estes personagens produzindo produtos próprios a partir daqueles *“impostos por uma ordem dominante”*?<sup>24</sup>

O silenciamento da imprensa feirense no que tange a presença de meninas praticando atos *“inapropriados”* à sua condição de menina/mulher é ensurdecador. A notícia a seguir é uma exceção no conjunto das fontes coligidas e analisadas em nossa pesquisa, o que nos leva a crer que de alguma forma as meninas pobres feirenses, não estando tuteladas em estabelecimentos assistencialistas ou na condição de catarinas, ousaram romper sim com as expectativas constituídas em torno de *“ser mulher”*:



No domingo, 26 do mesmo mês, a menor filha do indivíduo Teodoro Verissimo, na mão de quem foi encontrada uma nota de \$500,00 pertencente a d. Manzolina Valente, penetrou na residência do sr. Isaltino Costa, á avenida senhor dos passos, introduzindo-se no quarto de alcova. Presentida pela dona da casa, que chamou o sr. Isaltino na mesma hora, a menor já havia aberto uma gaveta, subtraindo uma carteira contendo 3 mil e tantos cruzeiros, que foram apreendidos no mesmo momento e, tendo a ciência esta autoridade, mandou busca-la com seu pai fazendo-os, no dia imediato, apresentar-se ao Exmo. Juiz de Direito da Comarca, solicitando uma providência, portanto é preciso que as famílias previnam contra esta menor perigosa <sup>25</sup>.

Das dezenas de notícias envolvendo crianças pobres, órfãs e/ou abandonadas objetos desta pesquisa, somente a transcrita acima, nos fala sobre uma menina que “desvirtua-se” do caminho ao qual estaria naturalmente predestinada segundo seu gênero. Uma menina, menor de idade, ladra e destemida, portava o fruto do seu delito (uma nota de dinheiro). Este conjunto de elementos, meninas adentrando casas de estranhos e praticando o furto, eram incompatíveis com ideal de mulher esperado pela sociedade feirense e, portanto, pouco conveniente para publicações em veículos de informações e formador de opinião. É no cotidiano, portanto, no duelo das estratégias e das astúcias que a identidade de gênero atribuída às meninas, bem como a aparelhagem ideológica frutos da dominação masculina, são minadas paulatinamente.

Se o destino de muitas meninas órfãs, pobres e abandonadas foi de fato a reclusão em asilos ou a exploração sexual e doméstica no exercício da função de catarinas, por outro lado tantas outras reinventaram o cotidiano da cidade de Feira de Santana a partir das práticas socialmente condenadas e incompatíveis com as amarras identitárias historicamente constituídas. As documentações insistiam em silenciar-las, mas os rastros de sua existência nos guiaram paulatinamente ao seu encontro.

---

<sup>1</sup> Livia Gozzer Costa, mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Graduada em Licenciatura em História pela mesma universidade. Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: liviagozzer@gmail.com

<sup>2</sup> *O Município*, 5 de maio de 1892; “Crise iminente”.

<sup>3</sup> *Folha do Norte*, 11/06/1932: “A seca no sertão”.

---

<sup>4</sup> O Propulsor, 20/11/1896; Pelos jornaes.

<sup>5</sup> FRAGA Fº, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo: Hucitec; Salvador: EDUFBA, 1996, p. 30.

<sup>6</sup> Folha do Norte, 24/04/1912; “Creança engeitada”.

<sup>7</sup> Folha do Norte, 10/08/1912; “Barbaridade: recém-nascido encontrado morto ao relento”.

<sup>8</sup> A definição do conceito de abandono selvagem ou civilizado pode ser observado em VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias Abandonadas: Assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999.

<sup>9</sup> Em minha monografia de graduação analisei o referido processo de acolhimento das asiladas do ANSL que respondia às limitações estruturais da sede alugada. Ver COSTA, Livia Gozzer. *Os deserdados da fortuna: a infância abandonada de Feira de Santana (1910-1930)*. Monografia de Conclusão de Curso – UEFS, 2010.

<sup>10</sup> DIAS, Acácia Batista. *A Família como palco da violência sexual*. Cadernos do CEAS. Salvador, Julho/Agosto, n° 170, 1997.

<sup>11</sup> Idem, *ibid.*, p.74.

<sup>12</sup> SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel & MATOS, Maria Izilda S. *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo, EDUC, 1997, p.23.

<sup>13</sup> VIANNA, Hildegardes. *Antigamente era assim*. Rio de Janeiro: Record; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.

<sup>14</sup> RODRIGUES, Andréa da Rocha. *A infância esquecida: Salvador 1900-1940*. Salvador: EDUFBA, 2003, p.90.

<sup>15</sup> O município, 3/10/1908; “accidente”.

<sup>16</sup> Folha do Norte, 31/07/1926; Violentou u’a menina de nove annos.

<sup>17</sup> RODRIGUES, Andréa da Rocha. *Idem*.

<sup>18</sup> O município, 3/10/1908; “accidente”.

<sup>19</sup> Folha do Norte, 31/07/1926; Violentou u’a menina de nove annos.

<sup>20</sup> PEDRO, Joana Maria. *As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio – século XX*. In MATOS, Maria Izilda S. de. e SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo, UNESP, 2003, p. 159.

<sup>21</sup> Folha do Norte, 8/09/1934; “Já é o cúmulo!”.

<sup>22</sup> Sobre a dominação simbólica masculina ver BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Ed. Bertrand Brasil, 1999.

<sup>23</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 37.

---

<sup>24</sup> *Idem*, p. 39.

<sup>25</sup> *Folha do Norte*, 1/09/1945; “Pólicia”.